

## O SUJEITO EM MICROCONSTRUÇÕES CAUSATIVAS COM “FAZER”

**Luana Gomes Pereira**

Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro –RJ, Brasil

**RESUMO:** A questão da causatividade é um tema bastante recorrente em linguística, abordado em diferentes perspectivas. As construções causativas codificam uma situação em que o causador tenta manipular o elemento afetado (causado) para realizar uma ação ou assumir um estado. Neste artigo analisamos as causativas analíticas formadas com o verbo fazer a partir da Gramática de Construções, a qual integra forma e significado, a fim de verificar a existência de um possível protótipo na realização do sujeito dessa microconstrução. O estudo foi realizado à luz dos Modelos Baseados no Uso, os quais afirmam que os princípios fundamentais da estrutura linguística são derivados da experiência. Para o levantamento dos dados, utilizamos a Amostra Midiática do PEUL, formada por textos dos jornais O Globo, Jornal do Brasil, Extra e Povo. Os resultados apontam que há diferenciação entre os tipos de sujeito causador na microconstrução – agente, instrumento e fonte - refletindo a heterogeneidade dos dados.

**PALAVRAS-CHAVE:** construções; causatividade; verbo fazer.

**ABSTRACT:** The question of causality is a very recurrent theme in Linguistics, approached from different perspectives. Causative constructions encode a situation where the causer tries to manipulate the affected element to perform an action or assume a state. In this study we investigate the analytic causatives formed with the verb fazer, based on the Grammar of Constructions, which integrates form and meaning, in order to verify the existence of a possible prototype in the realization of the subject of this construction.. The study was conducted in light of the Use Based Models, which state that the fundamental principles of the linguistic structure are derived from experience. For the data collection, we used the PEUL Media Sample, made up of texts from the newspapers O Globo, Jornal do Brasil, Extra and Povo. The results indicate that there is a differentiation between the types of causative subject in the construction - agentive, instrument and source - reflecting the heterogeneity of the data.

**KEYWORDS:** constructions; causativity, verb fazer.

### INTRODUÇÃO

As construções causativas vêm sendo alvo de pesquisas de muitos linguistas, em diferentes perspectivas. Neste artigo analisamos as construções causativas analíticas, ou seja, as construções formadas por um verbo causativo na oração principal e um verbo na oração encaixada, em uma oração complexa. Podemos defini-las como construções que apresentam dois eventos dependentes, que indicam uma relação de causa-efeito (SHIBATANI, 1976). Sendo assim, o exemplo (1) é considerado uma construção causativa analítica:

(1) Maria fez Pedro chorar.

Desta forma, de maneira geral, estudiosos assumem ser necessária a presença um agente animado e intencional para a realização do evento ou mudança de estado dentro da situação causativa. Neste artigo, pretendemos investigar se há um protótipo de sujeito na microconstrução causativa com o verbo *fazer*, mostrando a relação de causatividade a partir do sujeito causador. Apresentamos nossa interpretação sobre o fenômeno, estudado sob a concepção dos Modelos Baseados no Uso, em que se configura um pareamento entre forma e significado. Sob essa perspectiva, caracterizamos a construção causativa quanto a sua estrutura e ao seu significado e tecemos considerações sobre a manifestação das microconstruções causativas com *fazer*, analisadas em dados reais do português do Rio de Janeiro. Em seguida, discutimos os resultados encontrados e a análise quanto à semântica do sujeito causador. Por fim, apresentamos nossas considerações e as referências utilizadas.

## OS MODELOS BASEADOS NO USO

Este trabalho se fundamenta nos pressupostos dos Modelos Baseados no Uso (doravante MBU)<sup>1</sup>. O foco dos MBU está na relação entre estrutura linguística e instâncias de uso da língua. Visto que o sistema linguístico está ligado ao uso, nesta abordagem, a construção de uma teoria da linguagem e a descrição dos sistemas linguísticos devem se basear na observação de dados de uso real. Assim, o objeto primário de estudo é o que os indivíduos de fato produzem, o que constitui a maior evidência para definir a natureza e a organização dos sistemas linguísticos (KEMMER e BARLOW, 1999, p. xii).

Com tudo isso, a produção linguística não se reduz ao produto do sistema dos falantes, mas também fornece *inputs* para os sistemas de outros usuários da língua, iniciando em sua aquisição inicial e perpassando toda a sua vida. Assim, as situações de uso ao mesmo tempo resultam e formam o sistema linguística , perfazendo um ciclo.

A análise das construções causativas neste trabalho está baseada no modelo construcional baseado no uso. Consideramos aqui o trabalho de Goldberg (1995), a qual discute uma abordagem

---

<sup>1</sup> Alguns linguistas também denominam estes modelos como Teoria Baseada no Uso (BYBEE, 2010) e Linguística Funcional Centrada no Uso (MARTELOTTA, 2003, OLIVEIRA & ROSÁRIO, 2015)

de gramática construcional para o estudo das estruturas argumentais, ou seja, a relação entre o verbo e seus argumentos. A autora postula que uma construção existe se uma ou mais de suas propriedades não é previsível a partir de outra construção já existente na gramática (p.4). Portanto, na Gramática de Construções, não há distinção entre o léxico e a sintaxe: o mesmo tipo de estrutura de dados é representado como o pareamento entre forma e significado.

Nesta perspectiva, o sentido ou significado vai além da separação que se faz usualmente entre semântica e pragmática, uma vez que as convencionalizações que podem ser feitas em uma construção incluem propriedades referenciais, discursivas e pragmáticas indistintamente, ligados a uma forma linguística. Desta forma, assume-se que as escolhas para uma construção estão apoiadas em um background específico, que determina seu significado.

A esquematicidade e a produtividade também são propriedades importantes nos processos de uso da língua. A esquematicidade se correlaciona com a extensão em que configuram padrões mais gerais dentre várias outras construções específicas (Goldberg, 1995). As construções apresentam relações complexas devido ao seu grau de esquematicidade. Nos Modelos Baseados no Uso, os esquemas construcionais podem abstrair muitas microconstruções (*types*); com isso, realizamos uma análise do tipo *bottom-up*, que privilegia investigar as instâncias reais no uso da língua.

A produtividade está muito relacionada à frequência (Bybee, 2010); Traugott e Trousdale (2013) relacionam a frequência da construção com a frequência *token*, apesar de não lhe conferir muita importância para o surgimento de uma construção. Quando novas construções se formam, são geralmente difundidas pelo aumento da frequência de uso, isto é, a frequência da construção. A rotinização também é um fator importante – para Traugott e Trousdale (*op. cit.*), um aumento da frequência *type*.

Traugott e Trousdale (*op. Cit.*) propõem uma esquematização em rede para tratar dos níveis hierarquização das estruturas linguísticas. Os autores definem que os padrões mais abstratos são instanciados por esquemas, seguidos por subesquemas menos abstratos e, em níveis mais baixos, por microconstruções. Os esquemas e subesquemas são abstrações das microconstruções (*types*), nós que se localizam em níveis mais baixos na rede, os quais podem sancionar variados construtos, isto é, instâncias concretas do uso linguístico.

Vejamos, a seguir, dentro da perspectiva de análise dos MBUs, o que é uma construção causativa, sua representação dentro do modelo e como os processos acima descritos afetam a sua realização.

## A CONSTRUÇÃO CAUSATIVA

Estabelecer relações entre eventos e seus participantes é um dos modos mais recorrentes de estruturarmos nossa experiência de mundo; logo, para entender um evento procuramos por sua causa. A causação pode então ser definida como a relação entre dois eventos, com um causador e um causado, que se desenrola dentro de uma relação temporal, pois em geral o evento causador precede o evento causado. Assim, Givón (1972) e Shibatani (1976, p.1) definem “situação causativa” como a relação entre dois eventos dependentes que indicam uma relação de causa-efeito. As construções causativas analíticas são aquelas que apresentam dois verbos para indicar a causação, e podem ser representadas como no esquema abaixo, reproduzido de Pereira (2018):

$$(2) [SN_1 V_1 SN_2 V_2] \leftrightarrow [\text{causação}]$$

As construções causativas analíticas possuem, portanto, um significado construcional e são esquemáticas, apresentando certa dependência entre seus elementos: o sujeito causador (SN<sub>1</sub>), um verbo que indica causa (V<sub>1</sub>), um elemento causado (SN<sub>2</sub>) e um verbo que indica efeito ou resultado (V<sub>2</sub>). Diferentes itens lexicais podem ser sancionados para cada um dos membros deste esquema, o que permite grande variabilidade na formação da construção.

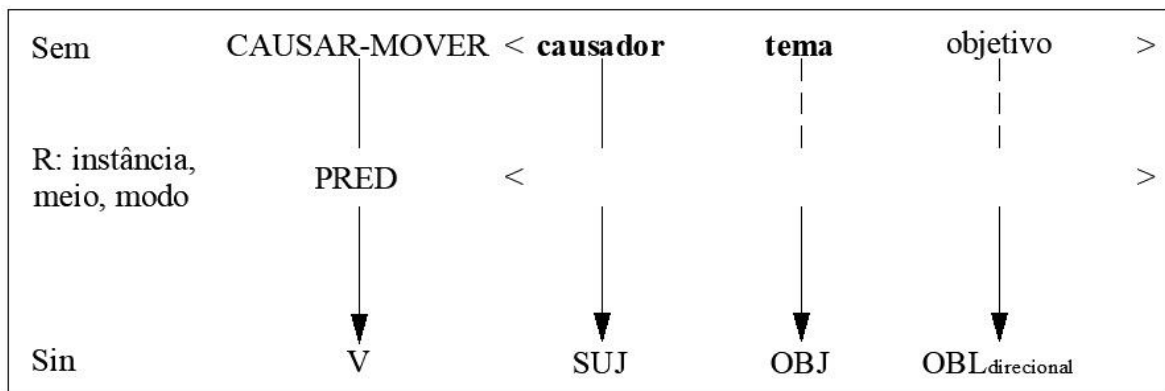
Neste estudo tratamos especificamente das microconstruções causativas realizadas com o verbo *fazer* como verbo causativo. Vários linguistas já estudaram os diversos usos de *fazer* causativo (BITTENCOURT, 2001; MACHADO VIEIRA, 2003, et. al.). Carvalho (2004), por exemplo, que trabalhou com verbos causativos sob um viés funcionalista, atribui a *fazer* uma acepção mais neutra ou mais ampla do que a de outros causativos que focalizou no seu estudo (*mandar* e *deixar*); para a autora, pode significar “causar, ocasionar, alcançar (por esforço ou influência)”. Assim, não é muito fácil especificar as particularidades semânticas de *fazer* e a autora o classifica pelo estado de coisas que desencadeia: ações/atividades ou processos. De acordo com Carvalho (op.cit.), como causativo, o verbo *fazer* indica um alto grau de controle sobre a realização do estado de coisas codificado na oração encaixada, (ou sua ausência em caso de negação). Costuma ocorrer com sujeitos animados ou inanimados.

Machado Vieira (2003), dentre outros trabalhos, estudou o verbo *fazer* como auxiliar de causativização. Com este emprego, a microconstrução com este verbo assume um comportamento

causativo em que a atuação do agente e o alcance do objetivo formam um evento, baseados na intencionalidade, responsabilidade, controle e contato físico do agente, além da manipulação do estado físico ou da condição do objetivo.

Apesar de não estudar propriamente as construções causativas, Goldberg (1995), dentro da abordagem da Gramática de Construções, trata da relação de movimento causado nas estruturas argumentais. A autora propõe que a construção de movimento causado apresenta uma relação de movimento e, através de uma propriedade de extensão metafórica, esta relação pode ser entendida como causalidade, com o sentido de transferência. Goldberg propõe o modelo sintático [Suj V não estativo Obj Oblidirecional], que está associado ao significado ‘X causa Y mover-se para Z’, independente do verbo que faz parte da construção, que pode ser visto no diagrama abaixo:

Diagrama 1: construção de movimento causado (GOLDBERG, 1995, p.77)



A construção de movimento causado é exemplificada por Goldberg (1995, p.165):

(3) Joe kicked the dog into the bathroom.

Joe chutou o cachorro para dentro do banheiro.

Considerando o esquema proposto, temos então a mudança de ”mover-se” para “causar”. A construção pode apresentar verbos com um, dois ou três participantes, referir-se a uma instância do evento requerido ou codificar um meio ou maneira para que este se realize. É necessário que o

verbo se relacione com o significado “causar-mover” (*cause-move*) e deve permitir um argumento agentivo, para que este possa desempenhar a ação.

As construções causativas, em seu uso real, são mais específicas do que esta construção, ou seja, são instâncias herdadas dessa construção com um verbo causativo específico e seu complemento. Para exemplificar, uma construção com fazer-causativo (3) tem uma combinação do verbo fazer com um complemento Obj+infinitivo:

- (4) Se alguém com ascendência sobre José Alencar **não fizer ver a ele** que sua função é exatamente delimitada pelo exercício da contenção verbal e gestual, hoje são os juros, mas amanhã o vice poderá se valer da ocupação temporária da cadeira presidencial para desautorizar outras posições do titular do cargo. Trata-se de um filme já visto, com roteiro de turbulências e final nada feliz. (JB, 03/06/03, Bem pior que a encomenda)

Assim, temos uma relação entre um causador (alguém) e um causado (José Alencar) que deverá realizar a ação indicada no predicado dependente (ver a limitação de sua função). Essas características são restrições para a caracterização da construção, e se relacionam ao tipo de evento codificado por ela. A partir deste exemplo, podemos identificar os participantes da construção causal como causador (SN<sub>1</sub>), causado (SN<sub>2</sub>) e resultado ou efeito (V<sub>2</sub>).

Em se tratando do sujeito causador, nosso objeto de análise, devemos considerar que a agentividade está estritamente ligada à animacidade, as quais também se relacionam à questão da intencionalidade. Para muitos autores, o papel temático do sujeito é, em grande parte, motivado pela semântica verbal pois, como defende Chafe (1979, p.97), ela se estende sobre os participantes que o acompanham, determinando sua escolha. Com isso, os verbos denominados prototipicamente dinâmicos -como os de ação-processo-, selecionam mais frequentemente um sintagma nominal com semântica de agente, animado. De forma semelhante, Givón (1991) propõe que a estrutura transitiva prototípica apresenta três propriedades na sua representação semântica: i) agentividade, ou seja, um sujeito como um agente ativo, intencional, responsável pelo evento; ii) afetação: um objeto que é um paciente afetado, não intencional e iii) perfectividade: evento não durável, completo, que ocorre em tempo real. (cf. também, OLIVEIRA, 2000).

De forma um pouco diferente, Mira Mateus (2003) e Moura Neves (2010) admitem que, em razão da sua dinamicidade inerente, eventos e processos exigem, pelo menos, uma entidade que realiza ou sofre um “fazer”, que pode mudar de lugar ou estado, mas podem não necessariamente requerer um elemento afetado.

## **METODOLOGIA**

Considerando os pressupostos da nossa pesquisa, utilizamos dados reais para a análise do fenômeno. Para a nossa investigação, selecionamos a amostra midiática do PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), sediado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A amostra é formada por jornais de grande veiculação na cidade do Rio de Janeiro: O Globo, Jornal do Brasil, Extra e Povo. Selecionamos exemplos de textos dos gêneros crônica, notícia, opinião e editorial. Para cada gênero, foram analisados aproximadamente 100 textos, exceto o gênero crônica, que possui 75 textos, o que nos forneceu um número aproximado de 146 mil palavras na amostra. Devido à polifuncionalidade do verbo *fazer*, foram excluídos todos dados não causativos e expressões já cristalizadas pelo uso. Desse total, obtivemos 23 dados de microconstruções causativas analíticas com o verbo *fazer*.

Com relação ao sujeito causador, observamos seus traços semânticos para a caracterização da agentividade, visto que este constituinte representa o elemento que provoca ou é responsável pela situação causativa. Classificamos o sujeito causador como agente, instrumento ou fonte. Acreditamos que quanto mais agentivo o sujeito causador, mais prototípica será a causação e, conseqüentemente, maior a afetação sobre o sujeito causado.

Nossa hipótese é de que o sujeito causador seja mais frequentemente agentivo e intencional, o que se imagina presente nas microconstruções propriamente causativas, ou seja, que implicam a realização do efeito pretendido. A seguir, relatamos e discutimos nossos resultados.

## **ANÁLISE E RESULTADOS**

Considerando o item lexical presente na posição de sujeito causador, verificamos diferenças semânticas entre os sujeitos causadores selecionados na microconstrução causativa com *fazer*. De forma geral, assume-se que o sujeito agentivo está associado às propriedades de manipulação e volição, isto é, o sujeito-agente é manipulador e volitivo, enquanto o sujeito-fonte não é

manipulador nem volitiva e o sujeito-instrumento é manipulador e não volitivo (IGNÁCIO, 2006). Para Langacker (1991) quem encabeça a rede de ações é o agente, o qual se encarrega de começar uma transmissão de energia. No caso de sujeito instrumental, este não tem força por si mesmo, mas transmite a energia herdada de um agente para um paciente. O sujeito fonte seria apenas um motivador para a cadeia de ações.

Como salienta Machado Vieira (op. cit.), a microconstrução causativa com fazer conceptualiza o processo de mudança, acarretado por um elemento animado ou não animado. O traço de animacidade está presente no papel agentivo, que caracterizamos como um desencadeador de uma atividade. Um exemplo de sujeito agentivo está em (6), em que temos um sujeito humano (o prefeito) que desempenha uma ação sobre um objeto (a arrecadação) que sofre uma mudança de estado (aumenta):

(5) Em Oswaldo Cruz, região de Nova Alta Paulista, o prefeito Valter Luiz Martins fez, em sete anos, a arrecadação municipal aumentar 207% em termos reais. A cidade, que foi grande produtora de café e mantinha os velhos galpões abandonados, agora abriga três indústrias que proporcionam trabalho e renda a mais de 150 pessoas. Ele aplicou recursos em saúde, saneamento e educação. O resultado foi rápido: o orçamento do município passou de R\$ 7 milhões, em 1996, para R\$ 21 milhões, em 2002. (JB, o empreendedorismo e as prefeituras)

Em uma oração com sujeito instrumental, subentende-se que há uma força que desencadeia a ação. Essa força é abstrata, não animada; não possui controle sobre o resultado da ação, apesar de dar origem a ele, como vemos no exemplo (6):

(6) Impulsionado por um amplo desejo de mudança, o presidente eleito ontem assumirá em Brasília, no dia 1º de janeiro, para enfrentar grandes desafios. E para vencê-los, terá de demonstrar a mesma persistência que fez um retirante nordestino sobreviver no ABC paulista, ajudar a organizar um movimento sindical moderno e fundar o Partido dos Trabalhadores, outro símbolo do avanço da organização social no país. (O Globo, 28/10/02, os desafios)



(1) Temos ainda o papel temático de fonte ou origem, com um sujeito tipicamente não animado. No exemplo (7), a “lâmpada” não exerce a atividade de manipulação causativa diretamente, mas sim se torna um meio para a mudança de estado emocional no objeto causado (Rosa). Neste caso, a lâmpada é um elemento concreto inanimado, porém há também instrumento abstrato, que não depende de uma existência humana para se manifestar:

- (7) Ao despertar e antes de deitar-se, Rosa ajoelha-se diante do sacrário para dialogar com seu Senhor. A lâmpada vermelha que "denuncia" a presença real e misteriosa atrai seu olhar e a faz sentir que ali está seu último refúgio, que é também abrigo dos refugiados com quem trabalha. (JB, umas e outras, 08/03/04)

Em relação as características do causador na microconstrução fazer-causativo, observamos que o traço de causatividade está presente em todos os papéis temáticos analisados. Esperávamos uma maior frequência de agentes, uma vez que o verbo fazer assume o significado de facilitador da ocorrência de uma ação ou mudança de estado, e entendemos que há o exercício de coerção para que se concretize o resultado. No entanto, a maior parte dos dados apresentou causadores inanimados, como instrumento ou fonte para a realização da mudança de estado ou evento. Vejamos na Tabela 1:

Tabela 1: papel temático do sujeito causador

<b>Papel temático</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Agente</b>	7	30,4
<b>Instrumento</b>	7	30,4
<b>Fonte</b>	9	39,2
<b>total</b>	<b>23</b>	

Assim, verificamos que há uma distribuição similar entre sujeitos causadores agentivos (30%) e instrumentais (30%). Entendemos que isso ocorre devido ao fato de que o sujeito instrumental tem implícito um sujeito causador. É importante também considerarmos os gêneros textuais que estudamos (artigo de opinião, crônica, editorial e notícia), pois vemos que

alguns gêneros do discurso jornalístico podem apresentar tipos textuais que favoreçam a impessoalidade.

Esse resultado nos surpreende, uma vez que a noção prototípica de causatividade pressupõe o significado de que há uma coerção imposta por alguém, o qual tenta instigar para que seja realizada uma ação ou mudança de estado, e alguns teóricos defendam que há o exercício de coerção para que se concretize o resultado (GIVÓN, 1991; GOLDBERG, 1995).

Para Cançado (1995, p.102), é possível considerar que um resultado sempre será provocado por um agente, com a causalidade sendo representada por um agente que realizou um evento e o efeito de sua ação. Nas palavras da autora:

de fato, na atribuição de agentividade, sempre se pode mostrar que um certo evento foi causado pela ação de um agente. Observe-se que a noção de causalidade envolvida nessa descrição é a relação que se estabelece entre dois eventos: o que o agente fez e o que resultou de sua ação. Mas nem todo evento que se atribui a um agente pode ser explicado como causado por outro evento.

Outro ponto observado nesta análise é de que, em geral, na literatura linguística, entendemos que o sujeito agentivo possui de forma inerente a intenção de realizar uma ação. No entanto, verificamos que em alguns casos não está claro que haja intencionalidade deste agente. Além disso, com a presença de dados em que o sujeito é instrumento ou fonte e não agente na causação, esta falta de volição fica ainda mais evidente:

Tabela 2: intencionalidade do sujeito causador

<b>intencionalidade</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Com intenção</b>	5	21,7
<b>Sem intenção</b>	18	78,3
<b>Total</b>	<b>23</b>	

Observamos, na Tabela 2, que os sujeitos em nossos dados tendem a ser não intencionais, ainda que haja um número razoável de sujeitos agentivos. De forma distinta do que alguns estudiosos declaram, entendemos que mesmo no caso de sujeitos agentivos, pode

não haver intencionalidade no elemento causador. Isso acontece em ocorrências como a que mostramos no exemplo (9):

(9) "Quem teve a ideia de cortar o tempo em fatias, a que se deu o nome de ano, foi um indivíduo genial. Industrializou a esperança, fazendo-a funcionar no limite da exaustão. Doze meses dão para qualquer ser humano se cansar e entregar os pontos. Aí entra o milagre da renovação e tudo começa outra vez, com outro número e outra vontade de acreditar que daqui para diante vai ser diferente!" (Carlos Drummond de Andrade)". (Extra, 02/01/04 saindo do buraco)

Neste exemplo (9), apesar do agente ser humano (indivíduo genial), não nos parece que o sujeito pretendia alcançar o resultado declarado pelo autor do texto (industrializar a esperança). A consequência dessa criação parece ser acidental, não planejada.

Portanto, verificamos que as construções têm seus próprios significados, a serem caracterizados pelo tipo de episódio causativo que codificam. O grau de agentividade do causador é um fator decisivo nesta caracterização, pois mostra a manifestação do poder de atuação do sujeito causador. Em algumas construções, a agentividade do sujeito causador se dá pelo exercício de coerção e controle externo para que o constituinte causado realize, de fato, o evento ou estado de coisas solicitados; no entanto, dentre as microconstruções realizadas com o verbo *fazer*, a resultatividade que poderíamos pensar inerente à construção causativa não se apresenta de maneira clara.

Em alguns casos, pode haver uma força maior do que a intenção de um indivíduo que leve o elemento afetado a realizar algo (casos em que verificamos sujeitos do tipo instrumento ou fonte), como no exemplo (10):

(10) Preferi ver Friburguense e Vasco. Não acreditava no Valdir nem no Beto, que voltou menos mal do que se poderia imaginar. Minha curiosidade estava no time serrano. Só o tinha visto uma vez e me deixara boa impressão. Muito me fazia lembrar o São Caetano,

quando apareceu e surpreendeu, nos tempos iniciais de Jair Picerni.  
(Extra, 1103/04, O time de Abedí)

Neste exemplo, não cabe ao time do Friburguense provocar memórias no jornalista, pois sua atuação não prevê esta finalidade, todavia, indiretamente e sem intenção, tornou-se um agente provocador que leva o jornalista a lembrar-se de outro time de futebol.

Deste modo, verificamos que sujeito causador da microconstrução causativa com *fazer* pode ser realizado de três maneiras, seja como uma entidade animada e intencional (a), não animada e não intencional (b) ou animada e não intencional (c). Uma caracterização prototípica seria possível apenas se os dados se distribuíssem de forma mais frequente com um desses traços, o que não verificamos na amostra.

Podemos identificar o modelo **a** como aquele em que temos como resultado uma ação desempenhada pelo sujeito causado (Y), por vontade do sujeito causador (X). Nesses casos, a influência de X pode ser realizada por meio de coerção ou força física (TALMY, 1988). O exemplo (10) está de acordo com o modelo *a*: apesar da negação, a proposição é de que o causador (alguém), através de um ato comunicativo (fazer ver), levaria o causado a desempenhar uma mudança de estado, que gera um resultado (o vice presidente entender sua função). O sujeito alguém é, possivelmente, um indivíduo com autoridade política e/ou intelectual sobre o então vice-presidente.

De acordo com o modelo **b**, não há controle do sujeito sobre o resultado, pois o causador não tem a intenção de provocar um objetivo, mas sim atua como um motivador de um processo involuntário. O dado (6) enquadra-se neste modelo: a persistência, sujeito causador na construção, foi o que provocou a motivação do nordestino (Lula) a alcançar o resultado almejado (todas as suas conquistas). Este tipo de sujeito é tipicamente representado por uma emoção, um processo mental ou um processo físico, como descreve Stefanowitsch (2001:91).

Por último, o exemplo (8) é um representante do modelo **c**. Neste modelo, podemos ter um causador animado ou não, e o resultado da causação é uma atividade que decorre da ação do causador, que é um agente provocador desta ação. No caso de (8), a ação de um indivíduo de dividir fisicamente o tempo teve como consequência o resultado Z (trabalhar até a exaustão), ainda que esse não fosse seu objetivo. Neste caso, temos um elemento causado originalmente não humano (a esperança), porém personificado a ponto de realizar uma ação.

Tendo em vista os resultados obtidos, assumimos que cada uma dessas manifestações (a, b e c) é independente, ou seja, não faz parte de uma rede de extensões de alguma maneira. Conseqüentemente, obtivemos três possibilidades de sujeito licenciadas pela microconstrução causativa com o verbo *fazer*, um causador que influencia a ação do causado, agentivo e intencional; um evento que provoca um resultado, com sujeito não animado e não intencional; e um causador que facilita uma ação do causado, animado e não intencional.

Desta forma, postular um modelo que seja prototípico para a microconstrução causativa com o verbo *fazer* não se mostra viável. Com a definição de diferentes possibilidades de sujeitos licenciados na microconstrução, podemos verificar que há motivações sintático-semânticas que restringem as possibilidades de ocorrência desses sujeitos, porém não há um modelo ou esquema que seja suficientemente frequente para que possamos determinar que tal é o modelo prototípico desta microconstrução.

Também é importante ressaltar que, de forma distinta do que alguns estudiosos declaram (CROFT, 2001; GOLDBERG; 1995), entendemos que mesmo no caso de sujeitos agentivos, pode não haver intencionalidade do elemento causador, ainda que ele possa ser responsabilizado por uma mudança de estado ou um evento. Assim, verificamos que há sujeitos agentivos intencionais e não intencionais.

Entretanto, ao considerarmos a microconstrução como um todo, podemos verificar que as microconstruções com o verbo *fazer* tendem a instanciar uma situação causativa em que o sujeito torna possível que uma ação ou mudança de estado seja realizada, tal qual indicada pelo verbo de efeito (V<sub>2</sub>). Com isso, se levarmos em conta uma dinâmica de forças (TALMY, op.cit.), o sujeito causador é o iniciador da cadeia de causa e efeito. Na microconstrução estudada, apesar de podermos considerá-la resultativa – isto é, com o resultado almejado alcançado -, não se configura como estritamente manipulativa, com ação do sujeito afetado sob coerção e sem direito de escolha sobre a realização do resultado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo propusemos uma análise do sujeito causador nas microconstruções causativas analíticas com o verbo *fazer*, o qual é, em seu uso geral, um verbo extremamente polissêmico. Definir um protótipo desta microconstrução a partir da semântica do sujeito causador não é tarefa fácil, considerando a heterogeneidade dos dados de uso real. Apesar disso, ao considerarmos a

causatividade a partir de uma relação causa-efeito desencadeada pelo sujeito causador da construção, pudemos verificar a ocorrência de três padrões de realização da microconstrução, considerados a partir da manifestação do sujeito causador: a) um causador agentivo e intencional; b) um evento, logo, um sujeito não intencional; e c) um causador facilitador de um resultado, não intencional.

Concluimos que, diferentemente do que foi porposto por vários autores da literatura lingüística, o sujeito causador na microconstrução com *fazer* não se apresenta apenas como um constituinte agentivo, mas sim distribuído entre os papéis semânticos estudados. Além disso, a maior parte dos sujeitos não demonstram intencionalidade na causação, ainda que sejam agentivos. No entanto, com a baixa frequência de ocorrência das microconstruções consideradas neste estudo, não nos foi possível ver uma configuração que considerássemos suficientemente mais frequente, e as outras ocorrências mais periféricas.

Portanto, entendemos que uma forma de analisar essas diferenças semânticas é assumir a existência da diversidade do *fazer*-causativo em português, ao mesmo tempo em que observamos que esta variedade não é aleatória. Além disso, as relações de agentividade e intencionalidade envolvem questões discursivo-pragmáticas que vão além da semântica do elemento causador, o que reforça o significado de construção e seu entendimento como uma unidade, defendido na abordagem construcional.

## REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, V. A gramaticalização em orações completivas de verbos causativos. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, 2º semestre 2001.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge University Press. Cambridge. 2010.
- CANÇADO, M. Posições argumentais e propriedades semânticas. *Delta*. 1995.
- CARVALHO, C.S. Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos. Tese de Doutorado do Programa de Pós- Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP. Campinas. 2004
- CHAFE, W. *Meaning and the structure of language*. Chicago e Londres. University of Chicago Press. 1979
- CROFT, W. *Autonomy and functionalist linguistics*. *Language* 71: 490–532.
- GIVÓN. T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia. John Benjamins. 1972.

\_\_\_\_\_. Syntax: an introduction. Vol. II. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia. 1991.

GOLDBERG, A. Constructions: a constructional grammar approach to argument structure. Chicago. Chicago University Press. 1995.

IGNÁCIO, S. Ação, agentividade e causatividade em estruturas oracionais de ação-processo. Todas as Letras I, volume 8, n.1, 2006.

KEMMER, Suzanne; BARLOW, Michael. Introduction: a usage-based conception of language. In KEMMER, Suzanne; BARLOW, Michael ed. Usage Based Models of Language. Stanford, CSLI Publications, 1999

MACHADO VIEIRA, M. Predicações com verbos funcionais: operandos auxiliares de causativização e/ou verbalização. In: VIII Simposio Internacional de Comunicación Social, 2003, Santiago de Cuba. Actas do VIII Simposio Internacional de Comunicación Social. Santiago de Cuba: Centro de Lingüística Aplicada & Ministério de Ciencia, Tecnología y Medio Ambiente, 2003. v. 1. p. 173-178.

MARTELOTTA, M. Manual de Linguística. Contexto. São Paulo. 2008.

OLIVEIRA, M. e ROSÁRIO, I. (orgs) Linguística Centrada no Uso – teoria e método. 1ª edição. Lamparina. Rio de Janeiro. 2015.

PEREIRA, L. Construções causativas analíticas em português e em francês: um estudo sob a perspectiva dos Modelos Baseados no Uso. Tese de doutorado. UFRJ. Rio de Janeiro. 2018.

SHIBATANI, M. Causativization. In: SHIBATANI, M. (Ed.) Syntax and Semantics. Vol. 5. New York: Academic Press. 1976, p. 239-294.

TALMY, L. Force Dynamics in Language and Thought. Papers from the Parasession on Causatives and Agentivity. Chicago. Chicago Linguistic Society. 1988.

TRAUGOTT, E. & TROUSDALE, G. Construcionalization and constructional changes. Oxford. Oxford University Press. 2013.